

RESENHAS

DES-TERRITORIALIZAÇÃO E IDENTIDADE: A REDE “GAÚCHA” NO NORDESTE

Rogério Haesbaert
Eduff, Niterói, – 1997

Des-territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste, tese de doutoramento de Rogério Haesbaert da Costa transformada em livro, poder-se-ia também chamar, como na tese que lhe deu origem, “gaúchos e nordestinos no oeste baiano: uma comparação de culturas”, pois que é este o conteúdo e o tema que percorrem suas 293 páginas. Tema corajoso e levado com muita argúcia pelo autor, um gaúcho de Santa Maria e filho de pequenos camponeses de origem lusa e alemã.

Corajoso pelos estereótipos que todo estudo desse assunto envolve, num país preconceituoso e sem democracia étnico-cultural. Pois foi nesta paisagem espinhosa e cheia de perigos que o autor resolveu fazer circular seu livro, uma pesquisa apoiada em amplo trabalho de campo e vasada na melhor referência teórica de temas como identidade, modernidade/pós-modernidade, regionalismo e territorialidade, que instrumentam sua análise.

Leitura fluida e instigante, o livro de Rogério levanta perguntas para quem o lê. A começar pelo tema-título: des-territorialização de quem, pois todos os personagens do livro, gaúchos (sulinos) e baianos (nordestinos), são des-re-territorializados, para empregar a categoria usada por Rogério: o gaúcho, que abandona seu pago, desenraizando-se de sua territorialidade para re-enraizar-se no oeste baiano; e o baiano, desterritorializado e des-reenraizado em sua própria terra pela chegada do gaúcho.

Fica a tendência a pensar-se se o conflito (expressão que mais povoa as páginas do livro) que então se instala entre baianos e gaúchos como um capítulo da epopéia e da tragédia do campesinato brasileiro: do gaúcho, desligado de sua terra (expulso pelos ardis do capital; migrado em busca de maior oportunidade no negócio da agricultura? Rogério deixa no ar este que talvez seja um hiato de sua obra);

e do baiano, despojado da terra por artes da grilagem e obrigado a assalariar-se ali mesmo onde habitava, numa situação desconfortável (um dos pontos mais investigados por Rogério e mais mencionado pelos locais como causa da instauração dos conflitos na área). Camponeses do sul do Brasil, caso único talvez de classe média rural historicamente aqui instituída (o campesinato familiar-parcelar típico). E camponeses do oeste baiano, ilustrativos do que Caio Prado Jr. designava por falso campesinato, referindo-se à classe de assalariados disfarçados que o campo brasileiro herda da abolição do trabalho escravo pelas paragens do Brasil.

Talvez que também aí se explique o motivo do aspeamento do termo-chave da pesquisa de Rogério. Gaúcho é o descendente do colono-agricultor do norte sul-rio-grandense, termo estendido a todo habitante dos estados sulinos, do imigrante identificado com o mate e o chimarrão, não apenas o cavaleiro pampeano, o gaúcho clássico e reiteradamente mencionado nos remetimentos que Rogério faz a José de Alencar e a Euclides da Cunha, no contraponto que estes fazem do sulista e do nordestino, e que, agudamente, transporta para o âmbito da sua leitura.

Tudo indica estarmos diante da comparação de duas racionalidades de campesinato, manifestas nas formas próprias de cultura. Racionalidades expressas como contrapontos de identidade de migrantes vindos do sul e de habitantes culturalizados in loco. Racionalidades lidas tanto na ótica simbólica dos dominantes, quanto na dos dominados. Racionalidades camponesas, todavia. Articuladas com modos de acumulação distintos, como observado aqui e ali por Rogério. E diante do tema de uma história que tem na modernização espelhada na expansão da cultura da soja cerrados a dentro o seu pano de fundo grandioso.

A rede regional é a categoria de que Rogério se serve para tecer a análise e guardar o viés geográfico da pesquisa. A permanência do vínculo cultural do imigrante com sua terra de origem, as instituições criadas para reafirmar essa identidade, a presença crescente do gaúcho na vida intelectual e política das comunidades onde se insere, são assim temas que percorrem a sucessão dos capítulos, arrumados nessa perspectiva em rede, por meio da qual o autor aprofunda sua busca de recriar para a atualidade a tradição do estudo regional. Daí o título e o subtítulo, numa aparência de dissonância com o conteúdo do livro.

A arquitetura bem montada do texto, apoio indispensável a qualquer boa narrativa, faz do livro um roteiro de estudo seguro e um texto forte a enriquecer a bibliografia brasileira. Um livro que, ao lado de outros que a renovação recente da geografia entre nós vem produzindo, acena para a esperada ultrapassagem daquele saber medido pelo número das prateleiras de baixo que ocupa nas estantes das livrarias e bibliotecas, na imagem irônica e acerba de Hartshorne.

(Ruy Moreira)